

Os Ladrões de Casaca

NO RIO DE JANEIRO.

Aos nossos assignantes.

Rogamos aos Srs. assignantes que não receberem pontualmente os *Ladrões de Casaca*, o favor de enviarem suas reclamações á nossa typographia.

Tanto recommendamos a leitura do ROMANCE HISTORICO que publicamos, que não relevaremos a menor falta na entrega das folhas.

ROMANCE HISTORICO

Balcão Baralho e Brazão

ou

As proezas dos ladrões de casaca

POR

R. B.

(Continuação do numero 4)

— Como o lugar é deserto e não ha concorrência para presenciar o desacato, os homens voltarão sem mascaras e dirão que vão em seguida declarar ás redacções diarias que a Sra. D. Maria da Silva foi violentada por um homem indigno, etc.

— Mas eu os contarei espalhando notas do Thesouro...

— Isto é, meu amo, rotulos de garrafas de licores.

— Está claro... Lhes imporei silencio, e para salvar a victima de honrada, lhe offerecerei a minha mão de esposo. A gratidão e o receio da propalação do desacato, farão o resto.

— Agora, meu amo, que está sciente de que tudo comprehendi, dê-me licença para ir dispor as cousas á meu modo.

— Vai, sê fiel e diligente.

— A's ordens de meu amo.

— Adeos, Manoel de Souza.

O mordomo retirou-se fazendo uma profunda reverencia.

Quanto ao barão tornou a embeber o chumaço em arnica, pespegou-o sobre o nariz, e deitou-se ao comprido no divan.

VII.

Mestre Leandro, o cocheiro da Sra. D. Maria da Silva dormia em um compartimento terreo ao lado do saguão onde se guardavam os carros de sua ama, o qual abria uma porta e uma janella para a rua.

O interior desse compartimento, em vez de apresentar o aspecto de uma residencia de cocheiro era pelo contrario o de um escriptorio de guarda-livros.

E com effeito, via-se em uma estante uma ruma de livros de grandes e pequenas dimensões, um pegador

pendurado de um lado, cheio de recibos; jornaes nacionaes e estrangeiros, e tudo quanto compoem uma sala de escripturação.

Principiava a romper o dia.

Mestre Leandro que ainda não se havia deitado, estava assentado sobre um banco alto proximo de uma enorme escrevaninha e debruçado sobre um *Diario* onde acabava de escripturar o seguinte dizer:

FAZENDAS GERAES DEVE A CAIXA.....Rs. 50:000 \$ 000
Por.....

E interrompeu-se bruscamente, por que lhe batiam á porta desesperadamente.

— Quem está ahí? perguntou elle depondo a penna.

E aproximou-se da porta.

— Uma carta urgente para a Sra. D. Maria da Silva, vinda da Copacabana, e remettida pelo seu feitor.

— Máu! disse Mestre Leandro entre os dentes. Temos algum sinistro...

E abriu a janella. Vio então um homem de mediana estatura vistido de japona e calças escuras, o qual trazia um chapéo de Braga sobre a cabeça.

— O que temos? perguntou Mestre Leandro.

— Não sei bem, senhor. Foi o Sr. Sebastião feitor da chacara da Copacabana, que correu á minha casa, branco como um defunto, e me entregou esta carta para a senhora, dizendo: « Vai á toda pressa, sem parar! Ha uma morte em casa e a policia lá está! » Obdeci, e aqui estou.

Mestre Leandro recebeu a carta e despedio o portador

Fechou a janella aproximou-se do Lampeão que estava ainda acceso sobre a escrevaninha, e rasgou a obreia da carta.

Apenas leu o seu contexto impallideceu e hesitou um momento.

Mas depois accendendo uma vella, abriu uma portinha que dava para o saguão e d'ahi subio a escada principal que ia ter ao edificio superior.

Da sala de jantar atravessou um corredor, chegou á de visitas, e foi parar junto da porta da alcova contigua á esta sala.

Nessa porta bateu cauteloso dizendo:

— Minha filha ..

A Sra. D. Maria que ahí pernoitava, conheceu a voz de seu cocheiro, ergueu-se immediatamente do leito onde repousava envolvida em vasto roupão branco. Embuçou-se em uma longa capa de lã, e abriu a porta.

— Algum carregamento perdido? perguntou-lhe ella com afabilidade.

— Não, minha filha, disse mestre Leandro. Por tão pouco não cometteria eu a imprudencia de perturbar o vosso repouso. Aqui está esta carta que acabo de receber Lêde-a.

A Sra. D. Maria leu rapidamente, e bem como o seu cocheiro impallideceu.

— Minha pobre tia! exclamou ella. Depressa, meu pai! Um carro de aluguel e eu já me visto.

— Sim, minha filha. Mas não faças bulha. As santinhas não devem saber já da vossa sahida. Eu vos acompanharei:

— Oh! nunca! Estais também compromettido, e o que seria de mim se fores preso, meu pai? Deixai-me ir só, eu vos rogo. Lembrai-vos que sou filha do vosso famoso general.

Esta recordação era sem replica para mestre Leandro.

— Preparai-vos, disse elle. Eu vou buscar o carro.

D'ahi a um instante estava elle na rua.

Apenas deu alguns passos avistou um carro parado e o cocheiro praguejando.

— De que diabo fallas tu? perguntou-lhe mestre Leandro.

— De um pinga que fretou-me para as quatro horas da manhã e até agora ainda não appareceu. São já cinco horas.

— Pois manda-o plantar batatas, e vem comigo buscar uma senhora para a conduzires á Copacabana.

— Irra! Lá onde o diabo perdeu a bota?

— Preguicoso! E vinte mil reis de frete?

— Oh lá compadre! Sobes para a almofada. Está dito, vinte mil reis de frete. Onde está a senhora?

— Aqui perto, respondeu mestre Leandro subindo para a almofada. Mas se fores com prestesa e sem incidente, terás uma boa gorgeta. A senhora vai ver sua tia, que segundo lhe consta, ou morreu ou está para isso. Chegamos.

O carro parou, e d'ahi a pouco, a Sra. D. Maria bem agasalhada e vestida com a elegancia do costume, entrou para elle, e disse á mestre Leandro.

— Até logo.

— Hide na paz do Senhor!

O carro partio á toda a brida.

Mestre Leandro fechou a porta do saguão á chave, e entrou para o seu aposento, onde desinquieto já não pôde trabalhar e fechou o livro.

Marciano dormia em um quartinho no fundo do saguão e de porta entre aberta tudo presenciára.

Mas a fidelidade ahi o reteve.

Elle, bem como o soldado em presença de seu capitão, não dava um passo á frente sem ouvir a voz do mando.

Mas em seu espirito atravessou uma idea sinistra com a prestesa do raio.

— Pirapóca! exclamou elle.

E olhou supplicante para a portinha que mestre Leandro acabava de fechar.

Este porem não vio esse olhar, e a porta continuou fechada.

(Continúa.)

A PEDIDOS

Um padre mestre das muafas.

Não ha neste mundo quem não saiba a razão por que a *Santa Madre* prohibio o casamento dos padres.

A tal *Madre Santa* anda sempre em contradicção com as leis que foram dadas tanto a ella como a todos os christãos.

Não fellemos pois na *razão* que teve a *Madre* para tal procedimento.

O certo é que não castrou os padres e os deixou com a prohibição de matrimoniarem-se.

Eis ahi por que um certo sacerdote de Baal que anda nesta cidade sempre de saia negra, chapeo de trez pançadas, e sapatos afivelados, faz o que o demo esqueceu na arte amatoria.

O *Santo homem* é doutor, e a gentalha crê que doutor quer dizer medico.

Foi pois chamado para ver uma pobre que agonisava.

— Não sou vigario, disse elle.

— Mas é medico.

— Da alma minha filha.

— Pois é um medico que procuro. Venha Sr. Dr. Não ha tempo a perder.

O bom homem foi.

Era alta noite.

Em um leito estava uma mulher nos paroxismo da morte.

Em redor a familia chorando.

Em uma cadeira e adormecida uma linda enfermeira, que não dormia á trez noites.

— Retirem-se todos, disse o medico.

E ficando a sós cerrou as cortinas do leito, e derigio-se para a cadeira...

A operação foi por sem duvida dolorosa por que a paciente soltou um grito!

Correu a gente da casa, ferveram as taponas, os cabos de vassouras, e o negocio foi acalmado com o dinheiro para o enterro da misera agonisante que expirou durante a lucta!

Entretanto amanhecera.

O homem da saia negra estava sem um X e em apuros.

Foi pois á carunchosa mesa e escreveu:

« Compadre manda-me quinhentos mil reis para um negocio urgente. Logo á tarde te pagarei. »

E foi bater á porta de uma alcova onde pernoitava um mineiro recém chegado.

— Então? disse elle, assim se dorme perdendo-se a occasião de fazer-se um optimo negocio?!

O mineiro saltou da cama.

— O que ha?

— E' o negocio do ouro em pó. Estou certo que seu compadre accêita pela quantia que você quer.

— Sim?

— E tanto assim que já fiz este bilhete para o mandar chamar.

— Bem: muito obrigado.

— Mas é preciso assignar o bilhete. Aqui está a penna.

O mineiro assignou. O papel foi a seu destino, e os quinhentos mil reis entraram para a espelunca da pobre familia!

Precisa commentar isto, amigo leitor?

Não: factos como estes não se commentam, segundo a phrase predilecta do *coração de menina é uma pulha*.

— Mas o negocio do compadre?

Oh! esse merece artigo especial.

Até breve.

Um casaca de batuque.

Amigo e Sr. Redactor.

Vivemos no Brasil, neste paiz onde a virtude anda foragida de bordão e chapeo na mão, e o vicio e o crime de grimpa altaneira, empavesados, atroando os ares com assem tubas de seus feitos.

Vivemos neste Brasil que vai á vella, onde cada governador é um ladrão, cada funcionario subalterno um adulator, cada *amigo* um falçario, cada patricio um inimigo!

Paiz de quem mais pilha, onde o velhaco alardêa os seus *carachás*, e o homem de bem e patriota correga com o *pêso de sua honradez*!

Não vio V. S. condecorado com o officialato da Rosa um tal Francisco José Barbosa Velho, e por serviços relevantes prestados na guerra actual contra o Paraguay?

Quem já viu este Velho empunhar o sabre ou a espingarda em defesa da dignidade do Imperio? Quem o notou no Campo da peleja? Quem o viu ao menos como um phantasma através das columnas de fumo?

Ninguém, por que este homem que *sempre foi velho*, jamais sentio no enregelado coração as pulsações do enthusiasmo, da dedicação, do amor da patria!

Mas foi condecorado... podia sê-lo, embora mumia ressequida sobre a taboa do balcão, embora espectro vivente, embora roupa suja atirada sobre o canto da casa!

Mas seria preciso abrir os cordões da bolça... E Francisco José Barbosa Velho é incapaz de dar um real a quem quer que seja, por-mais justos que sejam os motivos.

And u á tempos propagando que tirára a *sorte grande* na loteria de Hespanha: então, alguns infelizes bateram-lhe á porta, a esmola de dez ou de cinco tostões lhe foi pedida, e a resposta hypocrita e pharisaica foi esta: « Não o posso valer com um real, pois me acho tão pobre como Vmce.

E é official da Rosa e por dinheiro!

Mas desafio ao Sr. Ministro do Imperio para provar com documentos, qual o serviço prestado por semelhante patriota, qual a quantia mesmo que despendeu este forrêta á bem do Estado?

Não, o negocio foi ou seria outro.

Elle *esperou* talvez pelo pagamento de alguma baixella fiada aos taes senhores de casaca!

Foi talvez este o serviço de guerra, foi este o direito do tal Velho á uma condecoração tão distincta.

Tal é o nosso paiz!

Commente V. S. o facto, que pela nossa parte, aguardamos o outro numero para a relação de suas misérias,

Fanfan-finin.

Um casaca de rabo de tesoura

No hospital da Beneficencia Portugueza morreu miseravelmente Claudino Barbosa da Silva.

Era um leal amigo, um socio de uma casa commercial á rua da Candelaria, uma victima de seu ex-patrão para cuja firma havia entrado por seu zêlo, actividade e serviços reaes; era um desses homens fadados para a felicidade e atirados ao tugurio da indigencia por deparar em seu caminho com o genio do mal em fórmulas de amizade.

Como todos, Claudino tinha suas despesas: parcas eram ellas; mas foram quadruplicadas no *Caixa dos gastos miv-dos*, e o *Razão* depois, não deu razão ao misero espoliado!

Adoeceu. O *Socio* a quem servira vinte annos como leal caixeiro, não se condoeu d'elle.

Foi parar ao hospital, teve ali suas necessidades, e eram mãos estranhas que o soccorriam!

Morreu!

Mendigou-se-lhe o enterro: a Beneficencia Portugueza, veio satisfazer este dever de misericórdia: deu sepultura ao misero Claudino!

E o homem da rua da Candelaria, esse ladrão de casaca?

Respirou.

O ajuste de contas tornara-se impossivel!

Agora quereis, leitor, saber quem é este homem da Candelaria?

Contentai-vos por ora com saber que é um hypocrita, e capaz de todas as torpezas.

Depois fallar-vos-hemos francamente, auxiliados pelo Consulado Portugez.

Jagodis.

Verba mea non dilectent, sed presint Ao Sr. Ministro da fazenda.

Aproveitão porque tratão de um capital maior de seis mil contos, que devido a dolosos contractos de presente et in posterum, têm sido delapidados e esbanjados em prejuizo dos cofres da Nação. Aproveitão porque vão fazer chegar ao conhecimento de V. Ex. a má gestão dada por Fr. José Damasio de S. Vicente Ferreira e seu successor Fr. Francisco Fausto do Monte-Carmello aos dinheiros do Convento do Carmo desta côrte.

Aproveitão porque vae V. Ex. entrar no conhecimento de que as intenções do Governo, mandando para aquelle Convento um reformador, em cousa alguma forão satisfeitas.

Aproveitão porque vão ellas fazer saber a V. Ex. que a bona fides do Ministro do Imperio depositada nesse reformador e successor foi por elles de tal modo abusada, que até joias dos santos não escaparão.

Fr. José Damasio de S. Vicente Ferreira acha-se nomeado Visitador desde dia 15 de Novembro de 1865: sem comprehender os limites da sublimidade de sua missão, deixa de nomear, com fim sinistro, os prelados, conforme lhe ordenara o seu Breve de visitador, nomeando apenas um Vigario Prior e um definitorio a seu geito, esquecido da sublimidade de sua missão, entrega-se por tal mo lo aos negocios temporaes e economicos do Convento que joias, fazendas, terras, casas, escravos, ouro, prata, rubis e até sinos, são vendidos uns e arrendados outros pela terça parte do seu valor, redundando essas vendas unicamente em proveito do vendedor.

Fr. José dá principio a sua reforma vendendo uma corôa de ouro de lei com libra e 1/2 de peso, uma grande bacia de prata lavrada com 22 libras mais ou menos, um ciborio de ouro de lei com 1 libra mais ou menos, brincos bixas e memorias com brilhantes, um adereço com 80 diamantes mais ou menos, um rico ramo com cinco flores, contendo cada uma d'ellas 40 pedras preciosas como brilhantes, saphiras e esmeraldas; resplandores, corôas, espada e copos de prata de lei, pesando 20 libras mais ou menos; e por quanto?!! Por 2:092\$245 rs!!!

E por ventura estaria o Convento em tal estado de indigencia que para sustentar os religiosos fosse preciso vender as joias dos santos? Não, Exm. Sr. porque o Convento que possuia 31 fazendas com perto de 200 almas captivas, que possui sessenta e tantas moradas de casas nesta côrte, quinze ou vinte na cidade de Santos e vinte ou trinta na de S. Paulo, não tinha necessidade alguma de vender as suas joias; mas assim era preciso, muito embora soffressem os religiosos, com tanto que o Sr. reformador a custa d'elles se enriquecesse! E sabe V. Ex. o boato que se mandou espalhar pela côrte para não dar nas vistas do publico o roubo feito na venda destas joias?

Que entre as pedras vendidas, uma só de valor não havia.!!!

E' que estava reservado ao Sr. Damasio vir fazer esta descoberta depois de tantos seculos.

Acredito tambem que muitos dos religiosos se convencessem que essas pedras erão falsas, já porque o publico as não conhecia, já porque a maior parte dos religiosos Carmellitas existentes no Convento desta corte, são de tal jaez, que não sabem differenciar a côr preta da azul, quanto mais conhecer pedras preciosas!!! E quando mesmo, Exm. Sr. essas pedras fossem falsas o resultado da venda, segundo o numero de libra de ouro e prata seria só de dous ou tres contos de reis? e se erão falsas porque venderão, visto não terem ellas valor algum?!!!

Continúa o reformador a fazer dinheiro:

Um sino monstro que havia no Convento pelo qual offercerão muitas vezes ao fallecido Fr. Diogo 4:000\$000 e que elle deixou de o vender por querer pelo dito sino 8 contos, foi vendido pelo Fr. Damasio por 1 conto de rs.

As importantissimas fazendas do Capão Alto, em Coritiba, pelas quaes (unicamente casco) offerceceu o Barão de Antonina ao fallecido Fr. Diogo 60:000\$000, forão vendidas pelo visitador por trinta contos de rs.

Duzentos e quarenta e um escravos forão vendidos pelo visitador ao Sr. Bernardo Avelino Gavião Peixoto por quanto, ignora-se; o que se sabe, porem, é que o Sr. Gavião, na venda que fez desses escravos, ganhára a quantia de 150 contos de rs!!!

Um lindo palacete, sito na freguezia da Guaratiba com duas frentes, tendo cada uma d'ellas 220 palmos de comprimentos, mobiliado, contendo um lindo pomar com 300 mangueiras mais ou menos, uma casa do Engenho da Pedra concertada de novo, contendo além do que é preciso para um Engenho, uma bella casa de pedra e cal com 70 palmos de frente, uma outra de dita com 70 palmos, que servia provisoriamente de casa de farinha, com pastos maiores de 700 braças de frente e 900 de fundo, forão vendidas pelo mesmo visitador por 4 contos de rs!

Quando só o palacete vale 12 contos!!!

Vinte tantos escravos mais forão vendidos pelo visitador, por quanto se não sabe. Cento e vinte apolices, sendo dez ou doze de quatro centos mil rs e as mais de 1 conto, forão vendidos pelo visitador, por quanto não se sabe.

A fazenda de Paranema, sita na provincia do Espirito-Santo, com 88 escravos, foi arrendada por 18 ou vinte annos pela quantia annual de 3 contos e seis centos mil rs!

A de Stahim (S. Paulo) com perto de 80 escravos foi arrendada pelo visitador por 18 ou 20 annos por 3:500\$000 rs; a de Pontes (S. Paulo) com setenta escravos foi arrendada pelo visitador por 18 ou vinte annos por 3 contos e seis centos; a de Sorocamirim (S. Paulo) com cem escravos mais ou menos, foi arrendada pelo visitador por 18 ou vinte annos pela quantia de 3 contos annuaes. A de na foi pelo visitador vendida por 2 contos e sete centos mil rs.

Esta fazenda, Exm. Sr. é importante, não pe a virgindade de suas mattas e nem pela uberidade do solo, é sim importante por se achar mui proxima á cidade de Santos, por ter uma mina interminavel de cascos de mariscos, e finalmente, por ser cortada pelo rio Una, rio em que annualmente morrem cinco e seis mil tainhas, e que por tanto podia ser vendida por dez, ou 12 contos de rs.

A fazenda de Quiçamã, pertencente ao Convento desta corte, foi arrendada com cincoenta escravos, pelo visitador, por dezoito ou vinte annos, por 2 contos e quinhentos mil rs. A de Gauá (em Santos) foi arrendada pelo visitador, com vinte escravos por 18 ou vinte annos, por oito centos milreis annuaes!

Forão mais arrendados pelo mesmo visitador, as fazendas de Ariró com 50 escravos mais ou menos, por quanto não se sabe; de Jacue-canga com 40, ou 50 escravos, da Piedade, de Iriry com 50 escravos, de Macacú, de Guapy Assú, de Mogy das Cruzes com 70 escravos, todas estas por 25 annos, e por quanto não se sabe! O que se sabe é que o Prior d'aquelle Convento se oppuzera a celebração desse arrendamento, já officinando ao governo, e já ao mesmo visitador, sciificando-lhes de que o arrendamento celebrado pelo modo porque o visitador queria, era esivo á ordem. A sua exposição não foi tomada na consideração devida: o visitador mandou extranhar o seu procedimento, dizendo que elle Prior, pelo facto de ser Carmellita, não era melhor zelador dos bens do seu Convento, do que elle sendo Franciscano.

Eis Exm. Sr. o modo pelo qual vai desapparecendo esse rico patrimonio, que conta um capital maior de seis mil contos de rs!!!

Hoje trata o visitador intirino de vender as importantes fazendas do Convento do Pará, para o que já um Sr. Callogeras, empregado na Secretaria do Imperio, alcançou do Ministro a competente licença. Para esse Sr. Callogeras Exm. Sr. não ha impossiveis, muito principalmente no que diz respeito a pretensões do Convento do Carmo.

As licenças que V. Ex. por modo algum daria, o Sr. Callogeras consegue com a maior facilidade do Sr. Fernandes Torres.

A ser verdade o que o visitador intirino diz, quando se admira a facilidade com que elle consegue do Ministro do Imperio a licença que pretende, ha muito que esse Callogeras devia estar não só demittido como processado.

Não tratarei da pobreza scientifica do Sr. Damasio e do seu successor; não me occuparei em demonstrar que Fr. José Damasio e seu successor, não estão no caso de exercer a importante missão que se acha á seu cargo, por ser de todos sabido, o que, porem, de todos os homens é desconhecido, é que esses dous religiosos são indignos de cingir os habitos que trazem. Pois bem a esses dous virtuosos foi que a santa Sé achou mais aptos para serem reformadores do Convento do Carmo: virtuosos mascarados, que até aqui tem abusado da boa fé n'elles depositada pelos homens de sã consciencia; virtuosos que, deixadas as suas mascaras, não passarão um de perfeito aventureiro, o outro, coitado! Direi apenas, de um desgraçado e de um caloteirol. Eu vou provar, Exm. Sr. não com a calumpnia, e sim com a verdade.

POESIA

O incendio do Cume

Da montanha lá no Cume
Eu dormia n'uma tarde,
Atacam fogo no matto
De repente o Cume arde!

Desperto: vejo Marilia
Trabalhando com seu fóle,
Com tal força assopra ella
Que o matto do Cume bóle,

Ingrata! Que fazes tu?
Fazer damno p'ra que serve?
Não nottas que o Cume treme?
Não sentes que o Cume ferve?

A cruel não me responde:
Um tição no Cume crava,
O fumo do Cume surge
Nos roncões que o Cume dava!

(Continua)